

> DISSERTAÇÕES E TESES

José Tiago Reis filho **Negritude e sofrimento psíquico***

A questão dos negros no Brasil é aqui discutida como sintoma social e individual que traz, para o sujeito que porta o atributo cor negra, um sofrimento psíquico. Importante aqui é o conceito de escravo psíquico, articulado ao de escravo social, para pensar os traços do escravismo presentes em nossa sociedade e nos sujeitos negros que sofrem de sua negritude. Da possibilidade de cura desta ferida narcísica e da travessia deste fantasma, sob a ótica da psicanálise, é do que se trata este estudo.

> Palavras-chave: Negros, pulsão, racismo, sofrimento psíquico

The question of Blacks in Brazil is discussed here as a social and individual symptom that brings psychic suffering to Black individuals. The concept of the psychic slave, articulated with that of the social slave, is very important when we consider the signs of slavery that are still present in our society, including in Black individuals who suffer from their blackness. This study deals with the possibility of healing this wound and traversing this fantasy from the point of view of psychoanalysis.

> *Key words: Blacks, instinct, racism, psychic suffering*

"Preciso parar de me mutilar!" me diz Maria, falando de seu sintoma: arrancar cabelos. No discurso psiquiátrico tricotilomania é a incapacidade de resistir a impulsos de puxar os próprios cabelos, precedida de crescente

sensação de tensão imediatamente antes de arrancá-los. Ela diz que seu corpo é seu fardo, tem de carregá-lo, e isso lhe custa muito, tendo de fazer verdadeiras piruetas para disfarçar, esconder dos outros seus atos

1> Este trabalho é uma versão da tese de doutorado de mesmo título, desenvolvida junto ao Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC-SP, sob orientação do Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck. Contou com financiamento da Capes e foi apresentada na PUC-SP em junho de 2005.

que, segundo ela acredita, ninguém percebe. Para isso, usa os mais diversos disfarces: perucas, enxertos de cabelos, implantes, desde a adolescência.

Inicialmente, descrevia-me seus ataques, que davam-se em casa, geralmente à noite, na solidão do seu quarto ou no banheiro. Depois, associou-os à questão racial, relembando algumas cenas: as muitas vezes em que foi xingada de macaca na escola ou na rua. Certa vez deixaram uma banana em sua carteira, fazendo alusão ao apelido. As inúmeras referências ao cecê, como sendo um cheiro típico das pessoas negras, os estágios e empregos que perdeu, ou deixou de buscar: em um deles, enviou o currículo, foi chamada para uma entrevista e, quando a viram, disseram já terem preenchido a vaga, não lhe dando a chance de se apresentar. Cresceu tendo vergonha e rejeitando o próprio corpo, com todas as marcas de negritude que este porta: a cor preta, os cabelos crespos, os lábios grossos, as ancas largas. É sobre este corpo que a pulsão fará uma descarga agressiva: mutilar, arrancar os cabelos até a raiz, sangrar, doer.

Em minha clínica, os negros sempre estiveram presentes. O fato de eles me procurarem pode ser por eu ser negro, pesquisar e escrever sobre o tema, ser o único analista negro da cidade. Eles estão presentes em meu consultório, o que não se dá em outros; em alguns, nunca deve ter havido um único analisante negro. Se os negros não frequentam consultórios de analistas, é porque não desejam; ou porque não têm dinheiro; ou porque moram em regiões distantes. Essas são respostas que sempre ouço de meus colegas analistas, em todo o país. Tomo essas respostas como sintomáticas. Os negros,

apesar de constituírem metade da população brasileira, ocupam, desde que aqui chegaram, as posições mais desprivilegiadas, a base da pirâmide social. Habitam as favelas, as periferias, lutam pela sobrevivência. O acesso dessa parcela da população à saúde se dá pela via pública e nesta, quando há atendimento psicanalítico, é restrito, escasso.

Mas, e os analistas? Sempre que pergunto a eles se atendem negros, geralmente dizem que têm ou já tiveram algum analisante, mas que nunca se perguntaram pela questão racial. NUNCA! Como podemos ler este fenômeno? Como é possível que, em um país cuja metade da população é negra, os psicanalistas não atendam sujeitos negros e, quando o fazem, não se perguntam pela questão racial? Será que os analisantes não se perguntam? Não querem saber? Ou os analistas não se perguntam e, ao não se perguntarem, calam seus analisantes? Claro, o cotidiano da clínica é formado pelo comum da neurose, da depressão, das perdas e da dificuldade em lidar com elas. Não é diferente com os negros. Não reivindico uma especificidade para o negro, o que acredito, pode trazer mais preconceito e discriminação, mas é possível negar uma diferença. Esta é visível literalmente, não só à flor da pele, quanto ao redor das cidades, nos orfanatos, presídios, hospícios, ruas e viadutos. Falando assim, pareço concordar com muitos que dizem ser a questão racial fruto da situação econômica dos negros. Essa é tão caótica, que realmente nos faz crer que seja a causa do racismo. Entretanto, o problema vai além, pois negros que não têm problemas econômicos, não deixam de sentir, na própria pele, as questões advindas de sua cor ou raça.

Àqueles que acreditam que a questão racial é uma questão de classe social, faz pensar em duas conseqüências da aceitação da mitologia racial:

1. As manifestações de preconceito contra os negros são atribuídas à diferença de classes. Assim, quaisquer que possam ser as desigualdades entre brancos e negros, elas não são o resultado de considerações raciais, mas advêm da classe e da baixa posição social dos negros;

2. a ideologia racial produz um senso de alívio entre os brancos, que podem se isentar de qualquer responsabilidade pelos problemas sociais dos negros. Por outro lado, a escravidão também deixou como herança o exercício da superioridade do lado de quem tem algum poder sobre quem não tem nenhum. Exemplo típico é a frase: "Você sabe com quem está falando?".

Hasenbalg (1979) nos fala dos efeitos da ideologia da democracia racial nos negros, semelhante ao credo liberal da igualdade de oportunidades: a conseqüência da negação do preconceito e da discriminação é a de trazer, para o primeiro plano, a capacidade individual dos membros do grupo subordinado como causa de sua posição social, em detrimento da estrutura de relações intergrupais. Assim, a responsabilidade pela sua baixa posição social contribui para o sentimento de inferioridade dos negros. Por outro lado, essa maior penetração dos negros na mídia e setores antes restritos quase exclusivamente a sujeitos brancos não é só fruto de uma fatia do mercado consumidor.

Poderíamos pensar que os negros gozam; gozam deste lugar de vítimas, historicamente marcados pela escravidão. Em se tratan-

do de analisantes negros, a maioria busca análise por motivos outros que não a questão racial, mas esta, em algum momento, surge. Isso pode se dever ao fato de eu ser negro; eles costumam dizer de uma surdez de analistas anteriores em relação à raça. Em encontros sociais, a mesma queixa se apresenta, por parte de analistas e analisantes: dizem nunca ter pensado a respeito, dizem que esse assunto não faz questão, dizem que o analista escuta um inconsciente e este não tem cor, nem sexo etc. Porque a questão racial não é escutada? Por que essa evitação? O inconsciente pode não ter cor, nem sexo, mas o sofrente tem cor, sexo e classe social.

Para Koltai (2000), além de ser uma formação do inconsciente, o sintoma também é:

Histórico, localizado e específico, significado pelo Outro e que, por isso mesmo, pode mudar com o tempo, acompanhando as transformações do Outro – tanto no plano pessoal quanto coletivo. É social ainda se o entendermos como a maneira singular pela qual o sujeito enfrenta o discurso de seu tempo. (p. 111)

Ou seja, há em todo sintoma neurótico, aspectos do social que vêm marcar os significantes do sujeito; seus fantasmas são marcados pela realidade histórica. Na transferência, o sujeito repete e revive situações afetivas dolorosas do seu passado. Não teria, nessa revivência, um entrecruzamento de aspectos da história individual com a História coletiva? Sim. Somos todos portadores de um nome, uma história singular, inserida na História de um país, região, civilização; somos depositários e transmissores. Cada sujeito deste país traz consigo as marcas do escravismo; em se tratando de negros, como possibilitar a travessia deste fantasma? Em

todo grupo há uma impressão do passado re-tida em traços mnêmicos inconscientes, o que cria, entre o indivíduo e o grupo, uma conformidade quase completa. No caso do indivíduo, o traço mnêmico de sua experiência primitiva foi preservado via recalca-mento, sendo, portanto, inconsciente.

No sintoma, trata-se da intrusão do que não funciona no real, do que se coloca de maneira enfiada, para impedir que as coisas funcionem. Sobre a vítima, Koltai (2002) acrescenta que esta parece estar se tornando uma representação dominante da subjetividade, em nossa sociedade da reparação, pois a vítima permanece no registro da demanda, impossível de ser satisfeita. Não quero me aliar às vítimas, mas a história aponta para algo mais que um reclame, uma queixa. Como construir referências identificatórias para o negro e, ao mesmo tempo, operar uma desalienação desses ideais? Quando o negro sai de seu lugar historicamente marcado – o navio negreiro, a senzala, a favela, a cela – se depara com uma dura realidade: a de não ter referências identificatórias, não ter algo ou alguém em quem se espelhar, se mirar. Isso porque a escravidão está inscrita no Brasil; é presente em nosso cotidiano. Entretanto, não se fala em raça ou, se fala, é para se fazer calar. Temos "preconceito de ter preconceito". Quando falamos em raça, pensamos em negros: como se apenas os negros tivessem a ver com isso, marcando uma diferença. Psíquica? Ser discriminado, xingado, humilhado, negligenciado em sua capacidade, reduzido à condição de objeto para o gozo do outro, tudo isso tendo por base a cor da pele e outros traços físicos, significantes encarnados, incorporados e marcados é comum aos ne-

gros. Fala Souza (1990): "Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas" (p. 17-8). Outros exemplos: uma mulher diz que, sempre que alguém bate à sua porta, num bairro de classe média, e ela atende, pergunta onde está a patroa. Um homem diz que, ao caminhar por uma rua e cruzar com uma mulher, esta imediatamente segura sua bolsa, ou muda de calçada ou esconde suas jóias, independente da forma como ele está vestido (e ele geralmente está "bem vestido"). Uma criança está esperando por seus pais à porta de uma escola quando uma senhora passa e lhe dá uma moeda.

O preconceito faz parte do humano, assim como o incesto e o crime. Estes, por serem efeitos de civilização, devem ser combatidos para não ficarmos entregues à barbárie. Diante de um policial, um agente de segurança, um recepcionista e de todos aqueles cuja função é barrar o acesso, seja em locais públicos ou privados o negro experimenta o medo. Cabe lembrar que, na maioria das vezes, os que barram têm a mesma cor daqueles que são barrados, o que costuma causar ainda mais estranheza, admiração e susto. Na sociedade brasileira, um dos preconceitos mais consistentes é o da pacificidade e da cordialidade do povo. No mercado de trabalho, os negros sofrem discriminação ocupacional, salarial e imagética, e a invisibilidade é um dos efeitos mais sinistros da ideologia racial, vigorando a ideologia da harmonia e da tolerância racial, que oculta o ódio. Ódio àquilo que costumes, que é diferente, que causa espanto, admiração, surpresa; daí desviar, fugir, atacar, desuma-

nizar, matar. O que inquieta no outro é o seu modo particular de gozar, pois o racista não reconhece outra forma de gozo que não a sua; reconhecer outra forma de gozo é reconhecer que todo o gozo não lhe pertence.

Preconceito, racismo e discriminação formam o conjunto daquilo que Freud (1930), em "O mal-estar na civilização" nomeou o "narcisismo das pequenas diferenças". Diferenças nem tão diferentes assim e pequenas às vezes nem tão pequenas; mas todas narcísicas. Segundo Lacan (1998), cada vez que o sujeito se aproxima da alienação primordial, que ele descreve como o estádio do espelho, surge a agressividade radical, o desejo de aniquilamento do outro, como suporte do desejo do sujeito. O discurso racista surge, então, como uma das manifestações da universalidade do discurso científico, baseando-se na negação ao outro de qualquer subjetividade, destituindo-o de seu estatuto humano, reduzindo-o a mero traço diferencial. Ele é baseado numa lógica totalizante, em que um todo se opõe a outro todo. A lógica totalizante implica pensarmos em fronteiras, margens, separações — físicas, ideológicas, culturais, psíquicas.

Parafraseando La Boétie (1999), "... só os humanos servem voluntariamente". O escravo, enquanto sujeito social está presente na história da humanidade há muitos séculos. A escravidão é parte da condição humana, e compôs as mais diversas organizações sociais ao longo da história, com seus aspectos econômicos, sociais, políticos e psíquicos. Daí poder pensar a escravidão social inscrita, nos dias atuais, no psiquismo dos negros, surgida de minha prática clínica em psicanálise, do dizer de analisantes negros, de casos de pessoas públicas ou destacadas pela

mídia, e de conversas "informais". Nesses, pude perceber que, do negro, a errância, o fracasso e a ruína são esperados, são "coisas de preto".

Freud (1919), em seu texto sobre a psicologia das massas, também vem nos falar sobre a servidão voluntária. Ele nos diz que o que une os sujeitos no grupo é o amor ao líder. Já em seu ensaio sobre a religião (1927), nos alerta de que os homens abrem mão de sua liberdade pulsional para interiorizar as regras sociais. Isto é possível graças a uma oferta da cultura, ou seja, em troca dessa renúncia pulsional, algum consolo narcísico. Essas compensações são de três tipos: o narcisismo das pequenas diferenças, a arte e a religião. Com relação à primeira, ele diz que a satisfação narcísica que o ideal cultural proporciona se encontra entre as forças que contrabalançam o combate à hostilidade para com a cultura dentro da própria unidade cultural. Essa satisfação é partilhada não só pelas classes privilegiadas como também pelos oprimidos, que gozam do direito de desprezar aqueles que não pertencem à sua cultura. Essa identificação dos oprimidos com as classes privilegiadas, que os governa e explora, é parte de um conjunto mais amplo. Eles podem estar ligados afetivamente àqueles que os oprimem, vendo-os como seus senhores e seus ideais, mesmo sofrendo a opressão. Essa idealização traz algum tipo de satisfação, pois caso não existisse, não teríamos tido tantas civilizações ao longo da história. E o negro?

De acordo com Souza (1990), o ideal de eu do negro brasileiro é branco, o que quer dizer que a imagem corporal do negro é forjada à semelhança do branco, tornando opaca a questão da negritude. A contínua exclu-

são, aliada a um espelho opaco, torna difícil, e por vezes até mesmo impossível, ao negro realizar seu ideal, pois em nosso imaginário, o negro é visto através de um mito que deu origem a um discurso sobre o psiquismo do negro no Brasil que associa negro a traços de periculosidade, incompetência e asco. O ideal de branqueamento — tornar-se mais claro — foi decisivo no processo de miscigenação que resultou em nosso contínuo de cor, dando ao mulato uma atribuição mais positiva, quanto à cor, que o negro. Veio daí o mito da democracia racial, a ausência de preconceito e discriminação racial e a suposta existência de oportunidades iguais para negros e brancos. Para cumprir os desígnios desse ideal inatingível, o negro violenta-se e é violentado continuamente. Nessa busca, pode sucumbir à depressão, ao masoquismo, fazendo da negritude uma ferida aberta, um significante negativo, como em Maria. Ela introjeta essa perspectiva, sente-se inferior, medíocre.

A luta permanente de setores organizados, buscando dar maior visibilidade ao negro e à questão racial no Brasil, tem contribuído com algumas propostas e alternativas para curar essa ferida social. Uma dessas propostas é a implantação das ações afirmativas, que servem de referências para a implantação de políticas públicas para a população negra, pelo governo brasileiro.

Mesmo reconhecendo a necessidade de criação de alternativas no campo das políticas públicas, visando melhorar a qualidade de vida e saúde dos negros, a implantação de ações afirmativas como o sistema de cotas pode ser uma "faca de dois gumes", por se correr o risco de congelar o negro numa posição de escravo, a exemplo do que ocorreu

com a Lei Áurea. Se a cidadania passa pelo acesso a bens de uso e consumo (educação, saúde, trabalho, moradia, lazer), esse acesso deve ser possibilitado com uma modificação nas formas de distribuição de renda e não com privilégios, eu creio. Por outro lado, o sistema de cotas pode sofrer as vicissitudes da ideologia do branqueamento, tendo como balizadores o nosso contínuo de cor, no qual o mulato ou moreno teriam prevalência sobre os negros. Outro aspecto é a manutenção do negro numa atitude de eterna vitimização, com seu choro, seu lamento. Cidadãos não lamentam; reivindicam o respeito a seus direitos. Desescravizar o negro torna-se um desafio.

Enfim, assim como Lacan propõe a estrutura do nó borromeano para se pensar o psiquismo (RSI), proponho o mesmo nó para pensar a questão racial no Brasil: as três raças constituintes de nosso povo (índio, negro e branco) se articulariam em nó. Do entrelaçamento do índio com o branco, surge o mameluco; do branco com o negro, o mulato e do negro com o índio, o cafuzo. O que amarra os três nós é o objeto *a*, em suas vertentes de causa de desejo e mais gozar. É com o que advém desta amarração que temos que nos haver.

Uma análise, levada ao seu fim, deve conduzir o analisante ao estado de angústia surgida da ameaça do encontro com o Outro e então atravessá-la. Essa travessia ocorre quando uma palavra, um acontecimento, um gesto ou um silêncio, uma revelação do analista ou surgida ao acaso, faz o analisante compreender que pode aceitar perder. Aceitar perder parte de algo que estará sempre perdido, a ilusão do todo. A escuta de um sujeito negro deve levá-lo até o ponto em

que diga: "Basta! Quero falar de outra coisa". E ao analista cabe não recuar diante da negritude, pois a travessia deste fantasma é possível. Quando um analisante negro diz que foi interpelado, revistado ou batido pela polícia e que isso se deve à sua cor, não é fantasia.

REFERÊNCIAS

- BERLINCK, Manoel Tosta. *Psicopatologia fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.
- FIGUEIREDO, Ana Cristina. *Vastas confusões e atendimentos imperfeitos: a clínica psicanalítica no ambulatório público*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. (1919). Psicologia das massas e análise do eu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII.
- _____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXI.
- _____. (1930). O mal-estar na civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXI.
- _____. (1933). Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXII.
- _____. (1939). Moisés e o monoteísmo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XXIII.
- HASENBALG, Carlos A. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- KAPLAN, H. & SADOCK, B. *Compêndio de psiquiatria: ciências comportamentais, psiquiatria clínica*. 6. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- KOLTAI, Caterina. *Política e psicanálise: o estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 2000.
- KOLTAI, Caterina (org.). *O estrangeiro*. São Paulo: Escuta, 1998.
- LA BOÉTIE, Étienne de. *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.
- _____. *O seminário. Livro 7. A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____. *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LAFORGUE, René. *Psychopathologie de l'échec*. Paris: Payot, 1939.
- LAURENT, Eric. O analista cidadão. *Curinga*, Belo Horizonte, n. 13, p. 12-19, set/1999.
- REIS FILHO, José Tiago. *Ninguém atravessa o arco-íris: um estudo sobre negros*. São Paulo: Anna Blume, 2000.
- _____. Um perfil do universitário negro da PUC-Betim. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 139-143, jun/2004.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes de identidade do negro brasileiro em ascensão social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1991.